

> *Entre os atos e a natureza: a presença e a representatividade do ecofeminismo em *Between the Acts* de Virginia Woolf e *The Tempest* de William Shakespeare*

> *Between the Acts* and the nature: the presence and representation of ecofeminism in Virginia Woolf's *Between the Acts* and William Shakespeare's *The Tempest*

Nicole Anizio Mariano de Sá

Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB) e graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Possui interesse em literatura, crítica feminista, cinema e estudos sociais. Atualmente, desenvolve pesquisa acerca da representação feminina no romance woolfiano *Between the Acts* e na peça shakespeariana *As You Like It*. E-mail: nicoleaniziom@gmail.com. Orcid: 0000-0003-2287-7279.

Maria Aparecida de Oliveira

Professora de Literatura Inglesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), titulação doutora. Pesquisa a obra de Virginia Woolf e atua em áreas de literatura de língua inglesa, modernismo e pós-colonialismo. Agência de fomento CNPQ. Email: mariaaoliv@yahoo.com. Orcid: 0000-003- 4815-7659.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os aspectos ecológicos no romance *Between the Acts*, de Virginia Woolf e em *The Tempest*, de William Shakespeare, procurando estabelecer relações entre as duas obras. Para tanto, o trabalho conta com os pressupostos de Adkins (2022), Saffioti (2015) e Warren (2000). Pretende-se demonstrar como a natureza e a ecologia estão presentes e são representadas ao longo dos textos, percebendo de que forma essas relações podem ser estabelecidas; se há de fato uma dominação e opressão em relação à natureza e à mulher; e de que modo essas relações apontam para um colonialismo e imperialismo, que estão intimamente relacionados a uma sociedade capitalista e patriarcal que tem se desenvolvido de forma predatória ao longo dos anos.

Palavras-chave: Ecofeminismo. Literatura. Woolf. Shakespeare.

Abstract

The present article aims to analyze the ecological aspects in Virginia Woolf's novel *Between the Acts* and in William Shakespeare's *The Tempest*, looking to establish relations between both works. Therefore, the work relies on the assumptions of Peter Atkins, Saffioti and Karen Warren. It is intended to demonstrate how nature and ecology are present and represented by the author throughout the texts, realizing how the relations can be established, if there is a domination and oppression concerning nature and women indeed, and how these relations point to colonialism and imperialism, which are intimately related to a capitalism and patriarchal society that has been developed in a predatory form throughout the years.

Keywords: Ecofeminism. Literature. Woolf. Shakespeare.

> Artigo recebido em 31.07.2024 e aceito em 22.07.2025.

*Isso parece mostrar que, se conseguirmos libertar o
homem da máquina, a semente não cairá, toda ela,
em terra árida. A semente poderá fertilizar.*
Virginia Woolf

1 Introdução

A natureza permeia as obras de Woolf, desde seu primeiro romance, *The Voyage Out*, até *Between the Acts*, romance publicado postumamente. Ao compreender como Woolf representa a natureza em seus textos, passamos a melhor entender suas escolhas estéticas e políticas, as quais estão presentes também em seus ensaios e em sua última publicação, *Between the Acts* (1941). Com uma leitura atenta à representação da natureza na escrita woolfiana, pode-se perceber que ela está conectada a uma reflexão acerca dos resquícios do colonialismo, do imperialismo e da dominação de poder por parte da humanidade sobre a natureza e as mulheres. Desse modo, pode-se pensar que os aspectos políticos de Woolf não estão dissociados do estilo estético próprio de Woolf no seu processo de escrita, que lança mão do uso da prosa poética, por meio de metáforas, analogias, como parte intrínseca de sua própria linguagem literária.

Em ambas as obras que serão discutidas e analisadas no presente artigo, *Between the Acts* (1941), de Virginia Woolf e *The Tempest* (1611), de William Shakespeare, pode-se perceber a presença da natureza, atrelada ao ecofeminismo, cujo conceito definiremos a seguir.

O ecofeminismo, palavra-chave para o presente artigo, pode ser introduzido da seguinte forma, segundo Flores; Trevizan (2015) em seu artigo “Ecofeminismo e Comunidade Sustentável”:

O termo ecofeminismo teria sido utilizado pela primeira vez em 1974, por Françoise d'Eaubonne, que, em 1978, fundou, na França, o movimento Ecologia e Feminismo. A relação entre ciência, mulher e natureza estaria entre as primeiras preocupações do movimento ecofeminista¹.

Já no livro *Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters*, a professora e estudiosa sobre ecofeminismo Warren² cita:

Feministas ecológicas (‘ecofeministas’) afirmam que há conexões importantes entre dominações injustificáveis de mulheres, pessoas de cor,

¹ B. N. Flores; S. D. P. Trevizan, Ecofeminismo e comunidade sustentável, 2015, p. 11-34.

² Karen J. Warren, *Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters*, 2000, p. 1.

crianças e pessoas pobres, e as dominações injustificáveis da natureza³.
(tradução nossa)

Assim, podemos afirmar que o ecofeminismo nada mais é do que uma corrente da crítica feminista que une aspectos do feminismo à ecologia e luta pelas causas sociais e ecológicas, vendo a natureza como parte do sistema ecológico que está ameaçado pelo impacto da humanidade, do patriarcado e da guerra. O mesmo sistema capitalista e patriarcal que oprime a natureza, também o faz com a mulher, que acaba sendo mais afetada durante tragédias ambientais ou está mais suscetível às injustiças ambientais. Bem como apontam Mies; Shiva⁴ em *Ecofeminismos*, quando afirmam “[...] começamos a compreender que havia uma conexão entre a relação de exploração entre homem e a natureza [...] e a relação de exploração e opressão entre homens e mulheres.

Françoise D’Eaubonne, em *Feminism or death*⁵, foi a primeira a batizar o termo na década de 1970 e o significado explicitamente refere-se à síntese de duas lutas, o feminismo e a ecologia. Em seu texto, a autora elenca uma série de doenças planetárias: a explosão demográfica mundial, a poluição global, o consumo generalizado, o aumento da população em áreas urbanas e, a consequente, violência. Para a autora, o capitalismo representa o poder masculino e que promove as mazelas principais do planeta, como o aumento da população, sendo a mulher o principal objeto para a reprodução em grande escala e a destruição dos recursos naturais, na intenção de produzir mais produtos para esse grande mercado em ascensão.

A coletânea *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais* traz uma série de artigos que se propõe a discutir teoricamente o ecofeminismo e suas diferentes abordagens, a fim de tratar questões cruciais como o humano e o não humano. É importante notar que os autores questionam a questão da justiça ambiental a partir de uma abordagem interseccional, que leva em conta não apenas as questões de gênero, mas também de raça e classe, assim como discutido por Warren (2000).

Saffioti (2015) no texto *Gênero, Patriarcado e Violência* discorre sobre a violência contra as mulheres e como ela está intrincada nas relações de gênero, mas também na luta de classes em uma sociedade patriarcal e capitalista. Em

³ Ecological feminists ('ecofeminists') claim that there are important connections between the unjustified dominations of women, people of color, children, and the poor and the unjustified domination of nature (WARREN, 2000, p. 1).

⁴ Daniela Rosendo (Org.), *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*, 2019, s.p.

⁵ Françoise D’Eaubonne, *Feminism or death*, 2022.

dado momento do texto, Saffioti afirma:

Ecologistas falam bastante, e com pertinência, sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, da natureza. Não se ouvem, porém, ecologistas preocupados com a ecologia mental nem com a ecologia social. Guattari, num pequeno e primoroso livro (1990), trata da ecosofia, englobando este termo as três ecologias. Com efeito, supondo-se que o ser humano pudesse se abster de agredir a natureza, que sentido teria este fato, já que não se poderia desfrutar de uma ecologia mental, tampouco de uma ecologia social, num mundo penetrado pela corrupção⁶.

É interessante observar nesse trecho que Saffioti aponta como a relação da agressão à natureza está ligada a uma ecologia mental e social, em um mundo permeado pelas relações de “dominação e exploração, que levam à fome, ao medo e à morte”. São exatamente essas relações de poder, de domínio e exploração que investigaremos, a partir da premissa do ecofeminismo, nas obras de Woolf, as quais questionam posições imperialistas, principalmente, ao se tratar de grupos minoritários como mulheres e elementos que constituem e fazem parte da natureza e do meio ambiente.

Em seu livro *The Modernist Anthropocene: Nonhuman Life and Planetary Change in James Joyce, Virginia Woolf and Djuna Barnes*, Adkins (2022) examina a importância dos estudos direcionados para a ecologia e a natureza atreladas à literatura. Segundo o autor, esta é uma das formas de nos atentarmos ao mundo e o que acontece ao redor dele, observando também de forma crítica a maneira como impactamos este mundo e, muitas vezes, o alteramos, até mesmo de forma irreversível.

Ao trazer autores da literatura modernista como James Joyce, Virginia Woolf e Djuna Barnes para uma leitura e análise mais detalhada, Adkins traz o conceito do Antropoceno, contextualizando-o da seguinte forma:

[...] o conceito do Antropoceno busca reconhecer que nós entramos em uma nova fase da história planetária. Como o nome sugere, essa nova época é definida pelo fato que, pela primeira vez na história da Terra, uma única espécie vai ter marcado o planeta de forma tão profunda que a sua influência vai ser observada por milhares de anos no futuro (tradução nossa)^{7 8}.

A partir desse conceito, Adkins observa que na última década, com as mudanças que ocorriam no mundo e a chegada do Antropoceno, o movimento

⁶ Heleieth Saffioti, *Gênero, Patriarcado e Violência*, 2015, p. 33,

⁷ Peter Adkins, *The Modernist Anthropocene: Nonhuman Life and Planetary Change in James Joyce, Virginia Woolf and Djuna Barnes*, 2022, p. 13.

⁸ [...] the concept of the Anthropocene aims to recognise that we have entered a new phase of planetary history. As its name suggests, this new epoch is defined by the fact that for the first time in the history of the Earth a single species will have marked the planet so profoundly that its influence will be observable for millions of years into the future. (ADKINS, 2022, p. 13).

modernista passou a discutir mais sobre temas envolvendo a natureza e o impacto da humanidade sobre ela. Essa tendência foi chamada de “‘ecologização’ do modernismo”⁹, já que os autores modernistas exploravam em seus textos as mudanças causadas pela humanidade, que pouco a pouco, tornaram-se parte do que conhecemos hoje como o Antropoceno. Podemos observar tal questão em mais detalhes no trecho exposto a seguir:

Inicialmente baseada como um ‘ecologização’ do modernismo, críticos como Elizabeth Black, Jeffrey Mathes McCarthy e Bonnie Kime Scott destacaram o quanto uma variedade de escritores canônicos e não-canônicos modernistas estavam interessados no pastoral e no rural, e basearam-se em inovações literárias para encontrar novas formas de escrever sobre a natureza (tradução nossa)¹⁰.

Vale salientar que esse olhar direcionado a temas como natureza, ecologia e o impacto humano no meio ambiente foi de fundamental importância para que pudéssemos começar a ter criticidade com relação a este tema. Atualmente, os desastres naturais, as mudanças climáticas e a pandemia de covid-19, são alguns dos fatores recentes decorrentes das interações humanas com a natureza. Em Woolf, ainda podemos observar a guerra como uma forma de dominação da humanidade sobre a natureza e seus semelhantes, pois pode ser interpretada como uma forma imperialista e colonialista, que visa a conquistar mais territórios e se sobrepôr diante de minorias sociais. Tais questões podem ser vistas tanto em seus romances, como em seus ensaios. *Thoughts on Peace in an Air Raid* (1941) é um deles, no qual Woolf afirma:

Eles nos dizem, todos os dias, que somos um povo livre, lutando para defender a liberdade. Foi a corrente que pôs o jovem aviador a rodopiar lá no céu e o mantém lá, girando por entre as nuvens. Aqui embaixo, com um teto para nos cobrir e uma máscara antigás à mão, é nossa função furar balões de gás e descobrir sementes de verdade. Não é verdade que somos livres. Somos ambos prisioneiros esta noite – ele, encerrado em sua máquina, com uma arma à mão; nós, deitadas no escuro, com uma máscara antigás à mão. Se fôssemos livres, deveríamos estar lá fora, dançando ao ar livre, no teatro, ou sentados juntos à janela, conversando. O que nos impede de fazer isso?¹¹.

A partir deste questionamento, é evidente que Woolf expõe a sua posição acerca da guerra como algo sem sentido, como uma eterna luta de poderes, mas sem nenhum objetivo fundamentado. Para ela, a guerra foi algo criado pelos

⁹ “‘greening’ of modernism”.

¹⁰ Initially premised as a ‘greening’ of modernism, critics such as Elizabeth Black, Jeffrey Mathes McCarthy and Bonnie Kime Scott highlighted how a range of canonical and non-canonical modernist writers were interested in the pastoral and the rural, and drew on literary innovations to find new ways of writing about nature. (ADKINS, 2022, p. 14).

¹¹ Virginia Woolf, *As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo*, 2019, p. 106.

homens e para os homens, enquanto as mulheres ficam à margem das decisões políticas, como Woolf aponta no trecho a seguir:

Os defensores são homens, os atacantes são homens. Não são dadas armas à mulher inglesa, seja para combater o inimigo, seja para se defender. Ela deve se deitar desarmada esta noite. Mas se ela acredita que a batalha que se desenrola no céu é uma batalha travada pelos ingleses para proteger a liberdade, travada pelos alemães para destruir a liberdade, ela deve lutar, dentro de suas possibilidades, do lado dos ingleses. Até onde pode ela lutar, sem armas de fogo, pela liberdade? Produzindo armas ou roupas ou alimentos¹².

Neste ensaio, Woolf questiona o papel da mulher na guerra e, para além disso, questiona a guerra em si, tendo em vista que esta é tão destrutiva para os seres humanos quanto para a própria natureza. A partir de sua ficção, temos um vislumbre dos males que a guerra pode causar nos humanos, como pode ser observado no romance *Between the Acts*, publicado em 1941, no auge da Segunda Guerra Mundial. Assim, pode-se dizer que, para Woolf, as consequências da guerra são tão drásticas quanto a guerra em si, levando os humanos a um estado de luto, de trauma mental e físico coletivo praticamente irreparáveis.

Para além da guerra, Woolf convida os seus leitores a direcionar um olhar mais atento à natureza, de modo que estes passem a enxergá-la de forma macro, ao invés da forma micro como estamos acostumados. Dessa forma, a natureza passa a ter uma maior proporção e força diante dos humanos, e não o contrário. Em Shakespeare, a natureza é vista como um lugar em que o mundo natural se depara com o sobrenatural, conferindo um aspecto peculiar e único ao ambiente.

O romance *Between the Acts*, publicado em 1941 de forma póstuma pela *Hogarth Press*, editora fundada por Woolf e seu esposo Leonard Woolf, passa-se em um vilarejo no interior da Inglaterra e conta a história da família Oliver em meio à chegada de novos habitantes para a apresentação de uma peça local. Nele, temos a presença constante da natureza devido ao contexto rural em que nos é apresentada a obra, mas mais do que isso, ela pode ser notada através de vários aspectos e recursos literários utilizados por Woolf ao longo da narrativa.

Esses aspectos estão presentes, principalmente, nas relações de poder e controle entre o humano e o natural, especialmente em se tratando de um humano masculino dominante, trazendo também uma ideia imperialista e colonialista para esse masculino. Essas ideias, também presentes em vários outros trabalhos de Woolf, sendo eles fictícios ou não, são manifestados por ela, principalmente, por conta do contexto em que ela estava inserida. Deve-se levar

¹² Ibidem, p. 105.

em consideração que ela presenciou duas guerras mundiais, as quais a afetaram profundamente e estão presentes em seus textos.

Retomando os aspectos literários presentes nas obras de Woolf, estes podem ser representados pelo contraste entre a falta de racionalização no humano e o excesso de racionalização na natureza. Além disso, podem estar representados pelas relações de poder entre a humanidade a natureza e grupos majoritariamente excluídos socioculturalmente, que resultam também no reflexo dos resquícios do imperialismo e do colonialismo no romance.

Em paralelo a isso, em *The Tempest* (1611), última peça escrita por Shakespeare, temos acesso a Próspero, o antigo Duque de Milão, destronado pelo seu irmão Antônio em uma traição conjunta com seu inimigo Alonso, o Rei de Nápoles, em que Próspero e a sua filha Miranda, ainda criança, são deixados em um barco à beira mar.

Com a ajuda de Gonçalo, um velho conselheiro que ajuda Próspero com comida, roupas e alguns dos livros que tanto gostava de estudar, Próspero e Miranda conseguem sobreviver e habitar a ilha até o tempo em que a história começa a ser narrada. Lá, eles encontraram Ariel e Calibã, ambos seres mágicos, porém opostos. Ariel é um espírito do ar que Próspero liberta de uma maldição causada pela bruxa Sycorax, mãe de Calibã.

Em retorno, Ariel afirma que atenderá todos os pedidos de Próspero como forma de expressar sua eterna gratidão. Por outro lado, Calibã é uma figura não-humana e é intitulado como “selvagem” diante da “civilização” presente em Próspero e Miranda. Ao chegar na ilha, a bruxa Sycorax já se encontrava morta e, portanto, Calibã, seu filho herdeiro, tinha posse da ilha. Com a sua chegada, diante de suas diferenças, Próspero o domesticou, ensinando-o a falar e a seguir os “bons costumes”.

Com o passar do tempo, Miranda, que tinha apenas três anos quando chegou à ilha, estava crescendo e amadurecendo, e Calibã, ao presenciar esse fato, realizou a tentativa de estupro da jovem moça. Diante disto, Próspero tomou o poder de Calibã diante da ilha e o fez de escravo. A história de *The Tempest*, no entanto, é focalizada na vingança arquitetada por Próspero – que por conta de seus estudos, havia adquirido um grande conhecimento de magia – com a ajuda de Ariel, contra os que fizeram mal e destronaram Próspero anos atrás.

Diante do exposto, podemos afirmar que alguns dos temas principais da

história são: i) natureza, ii) sobrenatural e iii) relações de poder, tendo em vista que a ambientação dela se passa em meio a uma ilha e possui vários elementos naturais que a compõem, bem como os desastres naturais – como a tempestade – que também estão presentes. O sobrenatural, elemento coexistente tanto em relação à natureza, como à dominação de poder na narrativa, também é um tema central na história, levando em consideração que temos a presença de humanos, como Próspero – e seres não humanos – Ariel e Calibã –, com poderes sobrenaturais.

No entanto, apesar de Próspero ser aquele que chega à ilha, e o diferente dos demais, não é ele que se adapta, mas faz os demais se adaptarem a ele e ao que ele julgava ser certo diante do seu repertório de mundo “civilizado”, um reflexo também da monarquia e do mundo “humano” a que ele estava acostumado anteriormente. As relações de dominação de poder presentes na peça estão presentes no plano da sua vingança para retomar o poder e as relações entre homens e mulheres, no mundo natural e sobrenatural – como Próspero e Miranda, Próspero e Sycorax, Calibã e Miranda; e Calibã e Sycorax.

Com este trabalho, busca-se externalizar uma análise das obras através de comparações e contrastes entre Shakespeare e Woolf, a partir do ecofeminismo; também pretende-se promover o pensamento crítico a tais questões tão necessárias atualmente. Os estudos do ecofeminismo levam as pessoas a refletirem sobre a posição do “outro”, seja este “outro” animais, vegetais ou até mesmo seus semelhantes. Ademais, tais estudos fomentam a reflexão acerca do poder da humanidade diante desses outros, gerando também um olhar mais empático e cuidadoso, ao sabermos mais sobre nossa espécie e como ela se relaciona com o natural na literatura.

2 “– Pare já de cavar essa terra”: as relações de gênero e de poder à luz do ecofeminismo em *Between the Acts* e *The Tempest*

A partir do exposto, pode-se começar a análise com o romance woolfiano *Between the Acts*, no qual a história está localizada, principalmente, em *Pointz Hall*, uma casa construída no interior da Inglaterra. Essa casa não é de fácil acesso, pois em diversos momentos da narrativa nos é mostrado como, além do fato de estar localizada em um vilarejo, ela também é inacessível por estar em um local onde geograficamente não deveria estar, como mostrado a seguir:

Era lamentável que o homem que construía Pointz Hall houvesse enfiado a casa numa baixada, quando logo por trás do jardim e da horta ficava aquele trecho de terras altas. A natureza oferecera o local adequado para uma casa; o homem, porém, construía a casa num buraco¹³.

Este fato, além de mostrar o controle e a dominação de poder da humanidade sobre a natureza, mostra também o seu impacto diante dela, pois em dado momento temos acesso ao fato de que, por estar tão intrínseca a um ambiente natural, – algo que não deveria acontecer pela própria segurança de seus habitantes – como pode ser explicitado na citação a seguir: “[...] mal localizada em uma baixada, na planície, com uma fúmbria de árvores subindo pela encosta [...]”¹⁴. Assim, quando em meio às estações do ano, estas podem ocasionar alguns empecilhos no que diz respeito à localização e o acesso ao local, como podemos ver a seguir:

Depois, ele lhe contara a famosa história do grande inverno do século XVIII, quando a neve bloqueara a casa por um mês inteiro. E as árvores haviam tombado. Por isso, todos os anos, quando o inverno se aproximava, a Sra. Swithin se retirava para Hastings¹⁵.

Assim, pode-se afirmar que, como na peça shakespeariana *The Tempest*, em *Between the Acts* temos a presença da natureza, e junto dela a constante necessidade da humanidade de domá-la, seja por meio de poderes e forças sobrenaturais, ao construir uma casa em lugares impróprios, ou por tentar controlar o clima para que tudo o que foi planejado aconteça dentro dos conformes. Como apontado acima por meio de trechos do romance woolfiano, é possível afirmar que *Pointz Hall* seria um símbolo e uma metáfora para a dominação de poder da humanidade sobre a natureza através de uma tentativa de “domesticá-la”, invadindo-a e interrompendo-a. A casa também pode ser vista como uma forma de explicitar o tradicionalismo inglês, tendo em vista que se trata de uma casa construída há mais de 100 anos, herdada e passada de geração em geração, criando a ideia de ancestralidade e saudosismo diante do que é mais velho, e, portanto, de mais valor, ideia que permeia constantemente no decorrer do romance.

Além de tais fatores, também podemos observar, levando em consideração que apenas a família Oliver e os seus descendentes tiveram acesso a esta casa como a sua moradia, que isso entra diretamente em contraste quando nos é apresentada a personagem Miss La Trobe. Ela surge como uma mulher estrangeira¹⁶ e transgressora, que chega ao vilarejo para dirigir uma peça sobre a

¹³ Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 24.

¹⁴ Ibidem, p. 20.

¹⁵ Ibidem, p. 22.

¹⁶ outsider.

história da Inglaterra e mudar o ponto de vista de todos ali presentes que, tão acostumados com suas vidas pacatas e rotineiras, não conseguem ver que o que os cerca é a guerra. É a partir da personagem da Miss La Trobe que temos acesso a uma (re)escrita da história inglesa, trazendo um olhar alheio, pois segundo autores como Gilbert e Gubar (1988) e Antônio Bivar (2008), a figura de Miss La Trobe pode ser interpretada como a própria figura da Virginia Woolf em si (BIVAR, 2008) ou como a incorporação da irmã de Shakespeare, Judith Shakespeare (GUBAR; GILBERT, 1988), citada no ensaio woolfiano *A Room of One's Own* (1929). Tais questões podem ser explicitadas mais amplamente através da seguinte citação de Maria Aparecida de Oliveira em sua tese intitulada “A Representação Feminina na Obra de Virginia Woolf: Um Diálogo Entre o Projeto Político e Estético” (2016):

Assim como Jane Marcus (1987a), Gilbert e Gubar (1988) também conectam a figura de Judith Shakespeare às mulheres oprimidas, mas Woolf, em seu trabalho de revisão da tradição literária feminina, associa essa imagem à mulher independente da faculdade de Fernham, cuja tarefa seria não apenas ressuscitar a artista oprimida, mas outorgar-lhe o poder necessário para que ela tenha voz e um teto todo seu na sociedade patriarcal. Gilbert e Gubar (1988) identificam o gênio reprimido com os poderes suprimidos de antigas bruxas. Gilbert sugere que Miss La Trobe em *Between the Acts* seria uma versão irônica da irmã perdida de Shakespeare¹⁷.

Assim, podemos afirmar que Miss La Trobe surge para quebrar com a tradição e o saudosismo inglês ao trazer pensamentos e opiniões externas à população local. Além disso, La Trobe traz à luz os animais, através de sua peça teatral, fazendo com que o que uma vez fora insignificante e invisibilizado, torne-se importante e tão humano quanto a audiência ali presente. Tal questão pode ser observada no momento em que, durante a apresentação da peça, surge um vento forte que faz com que as pessoas não escutem a voz dos atores, e, em um momento de desespero de La Trobe, as vacas, de forma quase consciente, invadem a peça e salvam aquele momento.

Essa questão entre o humano e o não humano é um fator recorrente tanto na literatura como fora dela. Essa distinção sempre se dá de forma muito clara, pois é subentendido que as nossas diferenças enquanto seres vivos – humanos, animais e plantas – são evidentes, seja por conta da racionalidade, da linguagem ou da capacidade de controle diante dos impulsos, quando essas são questões que neles faltam. Por conta disso, muitas vezes tendemos a objetificarmos tais seres vivos e nos colocarmos em uma posição superior a eles, gerando assim, uma

¹⁷ Maria Aparecida de Oliveira, *A Representação Feminina na Obra de Virginia Woolf: Um Diálogo Entre o Projeto Político e Estético*, 2016, p. 32.

barreira entre algo que deveria estar unido, pois todos habitamos um mesmo planeta, que precisa ser zelado e cuidado.

Assim, ao nos colocarmos como superiores diante de algo, detemos poder diante dele, mas isso, mais do que nunca, não deve ser aplicado quando estamos falando da Terra, tendo em vista que já chegamos a um nível de informação e conscientização no que diz respeito ao uso excessivo dos recursos naturais e de práticas que corroboram para a destruição da natureza, como queimadas, desmatamentos, entre outros. É evidente que, se não cuidarmos do que possuímos hoje – que já é bem reduzido em relação ao que possuíamos previamente – o planeta Terra poderá deixar de ser um lugar seguro e habitável para as gerações futuras.

Quando trazemos conceitos como o Antropoceno de Adkins e a “ecologização” do movimento modernista, também estamos trazendo estudiosos que se preocupam com tais questões e usam a literatura como forma de questionar e analisar criticamente essas questões na sociedade através de representações espelhadas de uma realidade real. Nesse sentido, podemos afirmar que Woolf também se preocupava com tais questões, pois sempre trouxe uma perspectiva do natural em suas obras. Assim, por meio da sua linguagem poética e com o uso de figuras de linguagem como a sinestesia, a metáfora, a personificação e a comparação, Woolf nos apresenta a natureza como forma de identificação ao invés de objetificá-la como algo abaixo do controle humano e masculino. Dessa forma, vai ao encontro do ideal ecofeminista, que compreende a natureza e grupos minoritários como mulheres, crianças e idosos, sob o controle da dominação masculina diante da sociedade patriarcal.

Ao trazer um novo olhar, Woolf vê o natural não de uma forma subordinada aos humanos, mas igualitária, e até mais poderosa, pois esta possui uma força incontrolável e indomável que se sobrepõe a qualquer mudança causada por humanos. Observamos tais questões em *Between the Acts* quando Woolf situa a sua história em um ambiente campestre, um vilarejo na Inglaterra, onde, mais do que nunca, humanos e animais possuem as suas vidas interligadas, convivendo lado a lado, sendo a sua presença, portanto, fundamental como pano de fundo do romance.

Além disso, também presenciamos a relação das pessoas com os animais, bem como a relação das pessoas com a natureza, e como tais relações se diferem de acordo com cada personagem. É possível, ainda, observar o uso de

personificação e comparação de uma forma inusitada, sendo estes utilizados para atribuir características de animais utilizadas como forma de descrever pessoas. Este recurso é interessante quando paramos para analisar que enquanto humanos, geralmente quando usamos a personificação e a comparação de humanos a animais, as utilizamos como formas de xingamento, mas nunca como algo positivo ou, como no caso de Woolf, meramente comparativo.

A partir disso, pode-se afirmar que a narrativa de Woolf vai além do humano, pois ela agrega a diversidade e a complexidade de todos os seres, – sendo eles humanos ou não – e constrói através deles narrativas para serem contadas. Como exemplo de tal fator, retomamos aqui *Between the Acts*, romance no qual nos debruçamos para realizar a seguinte pesquisa, em que além dos pontos citados previamente, também temos a presença constante da natureza através de barulhos externos, contrastando com o cenário da Segunda Guerra Mundial, que envolve o romance em meio aos aviões que sobrevoam o vilarejo.

Em seus trabalhos, Woolf sempre traz a natureza de forma vívida e vibrante, e à medida em que vamos estudando essa presença, percebemos que ela a enxerga como um grande ecossistema vivo e único. Ao trazer a narrativa de *Between the Acts* para um ambiente campestre, Woolf traz para a sua história um contraste entre dois extremos: a paz e serenidade de um ambiente bucólico e o caos presente em meio a uma guerra mundial.

A partir dessa comparação, Woolf retoma conceitos anti-imperialistas externalizados anteriormente por ela em seus ensaios – como *Thoughts on peace in an air raid* e *Three Guineas* (1938) –, trazendo de forma crítica e questionadora a falta de sentido da guerra, enquanto a compara com a natureza, de forma tão sábia e significativa. Assim, a desumanização e falta de racionalidade presentes na guerra se opõem diretamente à grandiosidade e magnitude da natureza, nos trabalhos de Woolf, como podemos ver no seguinte trecho de *Thoughts on peace in an air raid*:

Por fim, todos os canhões silenciaram. Todos os holofotes se apagaram. A escuridão natural de uma noite de verão retorna. Os inocentes sons do campo são novamente ouvidos. Uma maçã despenca no chão. Uma coruja pia, voando de uma árvore para a outra¹⁸.

A partir dessa citação, pode-se constatar que Woolf apreende certa ordem e equilíbrio no natural, e que, assim como Shakespeare, em suas obras, traz a

¹⁸ Virginia Woolf, *As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo*, 2019, p. 109.

natureza com recorrência e a atribui a um caráter sobrenatural e único na maioria de suas obras.

Em *The Tempest*, temos elementos naturais importantíssimos para o decorrer da narrativa, de modo que a natureza está presente em toda a ambientação da história. Assim, tendo em vista que esta se passa em uma ilha praticamente encantada, habitada por seres sobrenaturais e humanos que fazem uso da magia, tanto a ilha como a história, ganham um certo encantamento, como um poder diante da natureza e do que ela pode ser capaz de fazer para que os desejos de Próspero possam ser atendidos. Um grande exemplo disso são os desastres naturais causados, como a tempestade e o naufrágio, ambos arquitetados por Próspero e realizados com a ajuda do espírito do ar Ariel.

Diante disso, vale salientar que é perceptível como Shakespeare distingue o ambiente campestre do urbano, tendo em vista que, enquanto a monarquia restringe através de leis e bons costumes, a natureza acolhe o indivíduo em sua totalidade. É nela onde os limites entre o real e o irreal e o possível e o impossível se fundem, por isso a sua atmosfera é tão encantadora e única. Assim, podemos dizer que o que difere ambos os lugares é que, enquanto no ambiente urbano há uma eterna luta de poder, na natureza o poder é igualitário, pois todos têm a sua vez, o seu poder e a sua individualidade, funcionando como um coletivo e um ecossistema único. Desse modo, apesar de em *The Tempest* haver uma certa dominação de poder sobre a ilha da parte de Próspero e Sycorax, a peça termina com a resolução desse conflito, mostrando que as hierarquias que antes existiam, perdem o seu poder diante da resolução do problema apresentado.

Essas questões também se fazem presentes quando retornamos à análise comparativa e contrastiva entre o romance de Woolf *Between the Acts* e a peça de Shakespeare *The Tempest*, no que se refere à dominação de poder da humanidade sobre a natureza e a mulher. Desse modo, podemos afirmar que diferentemente de *The Tempest*, em que as mulheres estão em minoria e não possuem voz própria, em *Between the Acts*, estas estão em maior quantidade que os homens, contendo agora, além de suas próprias vozes, suas personalidades, desejos e ambições expostos para nós, leitores da obra. Essa, assim como mencionado anteriormente sobre Judith Shakespeare, também é uma forma de trazer essa “reparação histórica” que Woolf citou em *A Room of One’s Own*, por meio de um de seus trabalhos.

Dessa forma, em *The Tempest*, além de presenciarmos a dominação de

poder de Próspero sobre a natureza, também observamos a sua dominação diante das mulheres, sendo elas sua filha Miranda e a bruxa Sycorax. As duas personagens, embora muito diferentes, são silenciadas, levando em consideração que Próspero e outros homens são os únicos a tomarem as suas próprias decisões. Pode-se observar tal questão no fato de que Miranda apenas soube que seu pai era o Duque de Milão quando ele achou que fosse a hora certa de contar a ela. Ele ainda escolheu a forma como essa mensagem deveria ser passada para ela, a fim de atingir o resultado necessário: nutrir a insatisfação e o desgosto da menina contra aqueles que fizeram mal a seu pai.

Além disso, é Próspero quem arquiteta a sua vingança contra Antônio e Alonso, – seu irmão e o Rei de Nápoles, respectivamente – e, dentro de seu plano, está o casamento de Miranda com Ferdinando, o filho do Rei de Nápoles, um homem que ela não conhecia, mas que lhe foi apresentado com a intenção de Próspero de selar um acordo de paz entre os reinos, a fim de que ele voltasse ao seu ducado. Ambas as tentativas de manipulação de Próspero com Miranda ocorrem por dois fatores: a) ele ser o seu pai e figura de autoridade e confiança em sua vida – pois os dois só possuem um ao outro como família naquela ilha – e b) ele ter mais experiência e sabedoria, devido à sua idade mais avançada que a de Miranda, e pelo seu conhecimento por meio dos estudos e vivências. No entanto, também pode-se inserir o fato de ele ser um homem, pois como já citado anteriormente, é notável a necessidade masculina em “domar” as mulheres e a natureza, sendo estes momentos apenas um reflexo e uma representação da teoria exposta previamente.

Já Sycorax, é apenas mencionada na obra, tendo seu filho Calibã como o mensageiro da sua existência e suas ações. Além de não possuir uma presença física na narrativa, tem apenas o seu filho ao seu favor, pois todos os demais personagens que a conhecem a julgam e abominam, praticamente agradecendo pela sua morte. Em paralelo a isso, quando analisamos a presença do sobrenatural na peça, atentamo-nos ao fato de que os personagens que possuem poderes são majoritariamente masculinos; Sycorax é a única personagem feminina que detém poderes especiais. Contudo, tais poderes em ambos são considerados subversivos, levando a deduzir que Sycorax também expõe a personalidade de ambos de tal forma.

Com relação a isso, podemos dizer que Sycorax e Calibã são nativos da ilha e, por conta disso, alguns autores enxergam essa relação entre Sycorax, Calibã e Próspero como uma representação do imperialismo e do colonialismo, levando

em consideração que há essa dominação de poder e território entre os três personagens, pois como citado previamente, apesar de Próspero não ter conhecido Sycorax fisicamente, de fato, este se opôs às suas decisões quando libertou Ariel de seu feitiço e tirou Calibã do seu posto de “herdeiro e governante da ilha”.

Outro ponto válido nessa relação entre os três personagens é o fato de Próspero querer domesticar Calibã ao chegar à ilha, pois, segundo ele, quando o conheceu, ainda era um “selvagem”, uma figura não-humana e praticamente animalesca. Quando usamos termos como estes, estamos falando de uma distinção entre o que é ou não civilizado, selvagem e animalesco. Ao estar neste papel de dar uma educação que Calibã não tinha, Próspero se coloca em uma posição superior aos habitantes da ilha, como o colonizador diante do colonizado.

Assim, Próspero “educa” Calibã de forma que ele possa se comunicar e se expressar de maneira “mais humana e civilizada”, mesmo Próspero sendo aquele que chega à ilha, e não o contrário. Tais questões até então explicitadas são vistas por muitos estudiosos (FEDERICI, 2017) como uma postura imperialista e colonialista de Próspero em relação à terra que ele passou a habitar após ser expulso em seu ducado, pois se trata de uma dominação de poder diante da ilha e seus habitantes, estando Calibã e Sycorax incluídos nesse meio. A magia, como citada previamente, enfraquece nas mãos de Calibã, que é derrotado por Próspero quando tenta resistir.

Ao fazer um paralelo com *Between the Acts*, podemos notar a presença da natureza como algo que pode e deve ser controlado pelas mãos humanas e, especialmente, de homens, como já mencionado previamente, pois assim como ilha é tomada de Calibã, *Pointz Hall* também é tomada da natureza, o que mostra novamente a ideia do controle e do poder do humano sobre o selvagem e a necessidade da domesticação do natural e do selvagem, animalesco e primitivo. As mulheres, assim como a natureza, são tratadas como objetos a serem conquistados, domesticados e dominados pelos homens, da mesma forma como a terra é conquistada e dominada pelo imperialismo e pelo capitalismo patriarcal. A guerra, como uma face desses sistemas de poder, tem uma consequência direta no meio ambiente, promovendo uma devastação da terra e das relações humanas, afetando ambos, mas as mulheres estarão sujeitas à maior vulnerabilidade.

Considerações finais

A partir do exposto, é possível apontar que a ecologia está presente na grande maioria dos textos de Woolf, não apenas como um elemento decorativo, mas como um agente. Os animais demonstram agência na ação do romance, fazem parte da peça e ocupam o espaço quando o silêncio avança e eles fazem o papel de coro no *script* de Miss La Trobe.

Através de temas como as relações de poder entre a humanidade, a natureza e a mulher, a (ir)racionalidade no humano e no não humano e a natureza como um ecossistema vivo, singular e mágico, buscamos explicitar as tantas correlações entre Woolf e Shakespeare diante de suas vastas obras e, em especial, as suas obras-despedidas.

Em *The Tempest*, Próspero adquire o seu conhecimento sobre magia, através de seus estudos e leituras, sendo estes fundamentais para que ele pudesse sobreviver ao naufrágio. Tendo isso em mente, podemos afirmar que mesmo em tempos difíceis, sempre teremos os livros e o conhecimento. São eles que nos salvam da ignorância e da falta de criticidade quando nos deparamos com acontecimentos e opiniões externos a nós. Como Woolf aponta em seu ensaio *Thoughts on peace in an air raid*, não há sentido em usar a violência para lutarmos, se a maior arma que temos é a nossa mente, a qual podemos usar para subverter a ordem proposta.

Dessa forma, podemos utilizar as representações literárias em ambos trabalhos dos autores ingleses como forma de espelhar uma problemática real, palpável e presente na realidade mundial. Assim, finalizamos a nossa análise com a confirmação de que, sim, as relações de dominação e opressão entre a humanidade, a natureza e a mulher existem, tomando como base os conceitos da teoria crítica ecofeminista, para demonstrar que o sistema capitalista e patriarcal que vivenciamos têm suas raízes no imperialismo e no colonialismo.

Referências

ADKINS, Peter. *The Modernist Anthropocene: Nonhuman Life and Planetary Change in James Joyce, Virginia Woolf and Djuna Barnes*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

D'EAUBONNE, Françoise. *Feminism or death*. Tradução Ruth Hottell, prefácio Carolyn Merchant e introdução por Myriam Bahaffou e Julie Gorecki, tradução Emma Ramadan. London, Brooklyn: Verso, 2022.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FLORES, B. N.; TREVIZAN, S. D. P. *Ecofeminismo e comunidade sustentável*. Revista Estudos Feministas, v. 23, n. 1, p. 11–34, jan 2015.

GILBERT, S.; GILBERT, S. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer in the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000.

MIES, Maria; SHIVA, V. *Ecofeminism*. Nova Iorque: Zed Books, 2014.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. *A Representação Feminina na Obra de Virginia Woolf: Um Diálogo Entre o Projeto Político e Estético*. São Paulo: Editora Paco, 2016.

ROSENDO, Daniela. (Org.) *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape 'Ku, 2019

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e Violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. In: Grandes Obras de Shakespeare: Vol. 2: comédias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Trad. Bárbara Heliodora.

WARREN, Karen J. *Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters*. Washington: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2000.

WOOLF, Virginia. *As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo*. Trad. Tomaz Tadeu. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WOOLF, Virginia. *Entre os Atos*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Novo Século Editora, 2008.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattuoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.